

Culturas e Conhecimentos Disciplinares

Pâmela Raquel Oliveira Veras de Almeida

O que esperar de uma segunda feira?



Segunda-feira! Dia consagrado à volta à rotina: trabalho, casa, mesmice; uma mistura de obrigações e afazeres embalados. Mas, hoje, 13/11/2023, fui desafiada a olhar “para além do já sabido e aprendido” (Alves, 2008), ir à caça, aguçar todos os sentidos, pensar na singularidade desta simples segunda-feira.

No trajeto da minha casa até a UERJ, o motorista do aplicativo toma um caminho diferente do que normalmente faço rompendo com a ideia de linearidade e controle sobre esta segunda-feira. Afinal, como ‘transeunte transitório’¹, entendo que não tenho o controle sobre os acontecimentos, e me deixo levar por essa ‘aventura pensada’².

Ao olhar pela janela do carro, e me deparar com um céu, que mais parecia uma tela, uma colcha de nuvens - tão perto e, ao mesmo tempo tão longe, e pus-me a pensar: o que é a vida?

O viver é cotidiano! É um existir, estar, sentir, aqui e agora, mas também é o estar lá e cá, seja num dia nublado, chuvoso ou ensolarado. E, de repente, admirando o ballet sutil das nuvens que me acompanhavam durante o trajeto, levada pela imaginação, começo a divagar: Se eu soubesse o que tem aí em cima para além das nuvens preferiria estar aqui? Quantas segundas-feiras já vivi? E quantas ainda hei de viver? Quem disse que a vida é feita de certezas e respostas? O viver é um emaranhado de perguntas. E nesse movimento de (re)pensar convicções, e incertezas concernentes à “existência”, ao viver e deixar viver de fato, as tantas segundas que compõem o calendário da vida, e sobre todo o peso e ideia de obrigatoriedade e monotonia que é imposto “culturalmente” sobre ela,

¹ “Transeuntes está ligado aos sujeitos. Já a palavra “transitórios” está relacionada às certezas e incertezas incertas, mutantes e mutáveis das ações destes sujeitos. Por exemplo: eu sou um transeunte pois sou um sujeito que migra de pensamentos, de opiniões e de certas “certezas”. E estas mudanças denomino como “transitórias”. Logo, os sujeitos dos cotidianos são transitórios.

² A aventura pensada leva em conta o conhecimento prévio, sua produção tem como base um conjunto de pensamentos, argumentações e intuições. Tem como característica a busca por saberes acontecimentais, construindo o caminho ao caminhar, sem requerer o controle total sobre o vivido.

como se ela fosse sempre mais do mesmo, retorno ao ponto de partida: que posso esperar de uma “simples” segunda feira?

Andrade, Caldas e Alves (2019) afirmam que os cotidianos são *espaçotempos* plurais e complexos, de criação e de articulação de conhecimentos, de emancipação e de invenção da vida, que requerem para sua melhor captação, que neles mergulhemos com todos os sentidos, registrando nossas impressões, refletindo sobre as práticas, não apenas a partir do diálogo interativo com o outro, mas, também, do diálogo interno, que nos possibilita ir em busca de uma compreensão sobre estar receptivo à imprevisibilidade desse caminho de incertezas ao quais somos expostos nessa vida. Nesta perspectiva deste viver acontecimental e existencialidade, Macedo (2016, p.13) salienta que: “[...] todos os acontecimentos são improváveis, interferem e são inelimináveis na experiência humana. Ou seja, chegam de repente, e não se tem controle sobre o acontecimento.

Ah! o perceber...!! Quando? Como? Por quê? Enxergar as entrelinhas..., o sentir requer implicar- se com... envolver-se para compreender. Almeida (2003, p. 27), afirma que:

É no mesmo cérebro, e a partir dos mesmos mecanismos neuronais, que se explicitam o que convencionalmente chamamos de razão e de emoção. Também Oliver Sacks (1956), com a hipótese da plasticidade neurocerebral, permite reproblematicar a relação, antes inconcebível ou difícil de admitir, entre intelecto e emoções.

Desse modo, a partir dessa argumentação é preciso levar em conta, os elementos sociais, culturais e epistemológicos para a compreensão dos nossos modos de produzir conhecimentos/práticas, como também as características e experiências emocionais dos diferentes sujeitos sociais, e os modos como cada um as expressa e com elas dialoga.

E então, dentro das circunstâncias do acontecimento cotidiano, a partir deste perceber de uma “simples” segunda feira a caminho da Uerj, debruço-me neste sentir como um *'fazerviver'*, na intenção de comportar por meio dos meus sentidos o muito que emerge no mundo, no hoje, no agora, e no que ainda há de vir. Mas me surge uma indagação; caberia tudo isso aqui, nesta conversa e reflexão? Quanto sentimento tem no mundo? Como Andrade, Caldas e Alves (2019) afirma vivemos em uma sociedade plural, com uma imensidão e incontáveis formas de sociabilidades e viver, um estar em uma multiplicidade de redes que nos constituem, formam, acolhem e inquietam, os tantos *'espaçostempos'* que habitamos indissociáveis, (re)existimos e resistimos. Para ser sincera, acho que não cabe nem mesmo no meu peito! Esse movimento de “comportar”, sentir, perceber com todos os sentidos o sentimento do mundo que nos leva nesse desenfreado mergulho profundo nos cotidianos, no simples. É notória, uma incompletude instigante, uma falta despertadora de curiosidades, e busca por entendimentos não palpáveis, mas sentidos e percebidos.

Afinal, eles jorram e não cessam, brotam como sementes em terra fértil, sementes essas que tem o seu papel na vida de um pesquisador/a cotidianista, são impulsionadores, nos levam a “caça” cotidiana por “possíveis” e momentâneas respostas, (re)pensamos o tanto que já foi feito. Por fim, temos a transitoriedade humana como condutora do nosso *'fazerpensar'* cotidianista, dessa forma, seguimos a expectativa de viver mais uma segunda-feira, nada simples, mas imprevisível.

Referências:

ALMEIDA, Maria da Conceição. Por uma ciência que sonha. In GALENO, Alex; CASTRO, Gustavo de; SILVA, Josimey Costa. (orgs.) *Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação*. São Paulo: Cortez, 2003.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, I.; Alves, N. (Org.). **Pesquisa**

nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 15-38.

ANDRADE, Nívea.; CALDAS, Alexandra; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: após muitas 'conversas' acerca deles. In: Oliveira, Inês B. de; Peixoto, LeonardoF.; Sussukind, Maria. Luiza. (Orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-45.

MACEDO, Roberto Si. **A pesquisa e o acontecimento:** compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

Sobre a autora:

Pâmela Raquel Oliveira Veras de Almeida Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Periferias Urbanas UERJ/FEBF. Pesquisa: Neuroaprendizagens docentes a partir da pandemia do novo Corona Vírus/COVID-19 no contexto da Cibercultura. Grupo de Pesquisa: Sociabilidades, Educação e Cibercultura (SoCib). Especialista em Neurociências aplicadas à aprendizagem (UFRJ). Psicopedagoga Clínica e Institucional (UNESA). Pós-Graduada em Psicanálise e Psicomotricidade. Especialista em Docência do Ensino Superior. Graduada em Letras Português/Espanhol e graduanda em Pedagogia (CEDERJ/UERJ).